



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

OS AFORISMOS LACANIANOS EM TORNO DA ANGÚSTIA NO SEMINÁRIO 10: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

CLEA MARIA BALLAO¹

RESUMO

Em cada seminário que Lacan proferia, ele lançava mão de aforismos como pontos de ancoragem para teorizar sua prática clínica. No seminário 10: a angústia, pode-se observar axiomas como: “a estrutura da angústia é enquadrada”, “a angústia é o afeto que não engana”, “a angústia não é sem objeto”, “a angústia surge quando a falta falta”, entre outros. Se suas palavras constituíram o campo lacaniano e suas frases por vezes enigmáticas se popularizaram, entende-se que não basta simplesmente repeti-las para entender sua elaboração no contexto da trama conceitual do autor e de sua clínica. Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo investigar alguns dos aforismos mencionados no seminário em pauta, indicando as relações entre si e sua importância para a prática clínica.

Palavras-chave: Angústia. Outro. Falta. Objeto *a*. Jacques Lacan.

¹ Professora do curso de Psicologia da Unicentro, mestrado em psicologia, doutorado em filosofia, pós-doutorado em filosofia (em andamento).

LACANIAN APHORISMS ON ANXIETY IN SEMINAR 10: SOME CONSIDERATIONS

ABSTRACT

In every seminar Lacan gave, he used aphorisms as anchor points to theorize his clinical practice. In Seminar 10: Anxiety, we can see axioms such as: “the structure of anguish is framed”, “anguish is the affection that does not deceive”, “anguish is not without an object”, “anguish arises when there is a lack”, among others. If his words constituted the Lacanian field and his sometimes enigmatic phrases became popular, it is understood that it is not enough to simply repeat them in order to understand their elaboration in the context of the author’s conceptual framework and his clinic. With this in mind, the aim of this article is to investigate some of the aphorisms mentioned in the seminar in question, indicating the relationships between them and their importance for clinical practice.

Keywords: Anguish. Other. Lack. Object a. Jacques Lacan.

INTRODUÇÃO

A angústia, ainda que atravesse a obra lacaniana do início ao fim, tem como ponto de referência o livro 10: a angústia, resultante de seminários proferidos entre os anos de 1962 e 1963. Nestas aulas, Lacan (2005) propõe a angústia como um afeto central na psicanálise ao situá-la no âmbito da rede dos significantes e da constituição subjetiva. Para o psicanalista francês, a angústia se relaciona com a estrutura do sujeito inserido na linguagem, por isso ela surge quando há uma falha na articulação simbólica. Em outras palavras, a angústia para Lacan (2005) estaria situada no contexto da experiência do sujeito com a linguagem, logo com a dimensão do Outro.

Contudo, para chegarmos a esse ponto de referência e explorarmos os aforismos sobre a angústia, que é o objetivo desse artigo, é importante que relembremos ao menos alguns elementos em jogo na constituição do sujeito, que são complexos e interrelacionados, a saber: o Outro; o objeto *a*; o pequeno outro *e*; o próprio sujeito. O Outro, com letra maiúscula, representa o campo da linguagem e do simbólico, sendo o lugar onde os significantes se articulam e onde o sujeito se constitui a partir da marca desse Outro em relação ao significante. A relação com o Outro é fundamental para a constituição do sujeito, uma vez que é no campo do Outro que o sujeito se reconhece e se identifica. Explicando um pouco mais,

podemos dizer que o Outro é o lugar onde o sujeito busca o reconhecimento e a confirmação de sua existência e que o desejo do sujeito está ligado à relação com o Outro, através da constituição do objeto *a*.

O objeto *a* é um conceito lacaniano que pode ser entendido não como um objeto real, mas como um objeto perdido, um resto que surge no processo de constituição do sujeito. Ele também adquire o estatuto de causa do desejo, não é propriamente o objeto do desejo, mas sua causa. Esse objeto denominado por Lacan de *a* é o que falta no Outro e o que impulsiona o sujeito em sua busca desejante. Assim, o objeto *a* surge no campo do Outro, como resultado da operação de alienação e separação do sujeito, se manifestando como resto irreduzível na relação do sujeito com o significante. Lacan (2005) destaca que o objeto *a* pode ser o seio, o cíbalo, o olhar, a voz, o objeto que se manifesta nas perdas e faltas que o sujeito experimenta. Seguindo essa teorização, a angústia surge quando o objeto *a* se apresenta de forma demasiadamente presente, pois é o que resiste à significação e ao mesmo tempo a sustenta.

O pequeno outro, grafado com a letra *a* minúscula, vem de *autre* em francês e refere-se à imagem especular do sujeito, à sua identificação imaginária com o semelhante. Essa imagem especular é dada na experiência do espelho, mas essa experiência é autenticada pelo Outro. A identificação com a imagem especular leva à constituição do eu ideal, mas também à alienação do sujeito em sua imagem. O objeto *a* sendo também um resto, o irreduzível da operação de constituição do sujeito no lugar do Outro, é o que sobra da identificação com o outro e se torna causa do desejo.

Vale esclarecer que o sujeito para Lacan (2005) não é uma entidade substancial, mas um efeito de linguagem. Ele emerge como um “não-saber” a partir da relação com o Outro. O sujeito lacaniano é dividido e alienado em sua própria imagem e, uma vez que se constitui como falta, como desejo, é um efeito da operação significante e sua existência está sempre em relação ao Outro e ao objeto *a*. É importante lembrar também que para Lacan (2005) o desejo humano se constitui na relação com o Outro, portador da falta e do enigma, o que o permite dizer que “o desejo do homem é o desejo do Outro” (p. 31). Desse modo, o sujeito se vê angustiado diante desse Outro, razão pela qual busca decifrar seu desejo para nele encontrar seu lugar.

Essas considerações introdutórias são pequenos passos em uma teoria complexa; recortes que têm por meta ir pavimentando o caminho para o esclarecimento dos axiomas sobre a angústia, razão pela qual insistimos um pouco mais na relação entre esses conceitos. Ao introduzir a noção de objeto *a* como representante da falta no grande Outro, Lacan (2005) estaria relacionando-a com a castração imaginária. Em sua argumentação, afirma que a angústia surgiria quando a falta vem a faltar, ou

seja, quando o sujeito se depara com a ausência da própria falta. Neste sentido, no tratamento clínico à angústia não seria simplesmente um sintoma a ser eliminado, mas antes um sinal crucial que permitiria ao sujeito explorar sua experiência.

Pode-se argumentar que na psicanálise lacaniana a angústia tampouco é um estado emocional negativo, mas sim um afeto que serve como um sinalizador, um afeto que emerge na relação do sujeito com a falta e com o Real. Por essa perspectiva, a angústia é um sinal, como apontou Freud (1996), um sinal de que há alguma coisa escapa à cadeia significante, teria acrescentado Lacan (2005). Essa alguma coisa que escapa ao simbólico e que indica a relação do sujeito com o Real é o que Lacan chama de objeto *a*, conceito essencial na teoria lacaniana da angústia. Em função desse conceito, Lacan (2005) assevera que a angústia é um afeto diferente dos demais porque não engana, e não engana justamente porque está amarrada ao objeto *a*, o que significa que não se desloca na cadeia significante. “O significante engana, mas a angústia é aquilo que não o faz - quer dizer, é o que fornece certeza”, o assevera Harari (1997, p. 47). Soler (2012) comenta que a angústia por estar amarrada ao objeto é um afeto de exceção, tem uma estrutura de exceção.

Portanto, diferente do medo que possui um objeto específico e identificável, a angústia é desprovida de objeto no sentido imaginário. Para Lacan (2005) a angústia surge quando a falta falta, isto é, quando a falta que deveria estar presente se faz ausente, então, precisamente, nesse momento em que o sujeito se depara com a ausência da falta, que é aquilo que dá sustentação ao desejo, ele se vê tomado pela angústia. Como podemos perceber a angústia se encontra na relação do sujeito com a linguagem, com o Outro, por isso esta relação merece ser aprofundada a seguir.

O SUJEITO E A LINGUAGEM

A discussão lacaniana sobre a estrutura da linguagem e seu impacto na formação da subjetividade pode ser observada em vários momentos de seu ensino. Tomemos, por exemplo, o seminário sobre “o desejo e sua interpretação” onde Lacan (2016) argumenta que a subjetividade é constituída através da linguagem e que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Como isso acontece? Segundo o psicanalista parisiense, o ser humano ao nascer é imerso em um mundo de linguagem pré-existente e para se tornar um sujeito, o bebê humano precisa entrar nessa ordem simbólica, aceitando as regras e estruturas da linguagem. Por esse prisma, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas o próprio meio pelo qual o sujeito se constitui, pois é através da linguagem que o sujeito se percebe, se nomeia e se relaciona com o mundo e com os outros. Assim, a subjetividade não é algo inato, mas um produto da interação do indivíduo com a linguagem, com o Outro.

Lacan (2016) ao dialogar com a linguística de Saussure, distingue o significante (a palavra, a imagem, o gesto) do significado (o conceito), enfatizando que o significante precede e estrutura o significado e que o significado é sempre instável e sujeito a interpretações. A relação entre significante e significado (S/s) não é fixa ou direta, mas está sempre em movimento, criando um campo de significados em constante deslocamento. Isso é fundamental para entender a dinâmica do inconsciente. O sujeito é, portanto, um efeito da cadeia significante, uma construção na qual o significado é sempre adiado e buscado em outros significantes.

O Outro, como já dissemos, é o lugar da linguagem, o campo simbólico onde os significantes se articulam e onde o sujeito se constitui. Esse Outro é o detentor do código da linguagem, o lugar da lei e da cultura. Segundo a teoria de Lacan (2016), o sujeito se relaciona com o Outro através da demanda, que inicialmente, pode-se dizer, grosso modo, é uma expressão de necessidades, mas se transforma em uma demanda de amor, de reconhecimento pelo Outro. Essa demanda é sempre mediada pela linguagem e pela relação com o significante. O desejo, por outro lado, surge da falta, da diferença entre a demanda e a satisfação. O desejo é metonímico, ou seja, está sempre se deslocando de um objeto para outro, impulsionado pela busca por um significante que falta, que está sempre ausente.

Como podemos observar, o inconsciente não é um depósito de conteúdos obscuros, mas um discurso estruturado pela linguagem, que se manifesta através de lapsos, sonhos, sintomas e outras formações que revelam a dinâmica da cadeia significante. Assim, podemos dizer que o inconsciente é o lugar onde os significantes são retidos e se relacionam de forma não consciente, produzindo efeitos de significado que escapam ao controle do sujeito. O trabalho da psicanálise, na visão lacaniana, é o de restituir esses significantes recalçados, levando o sujeito a um maior entendimento de seu próprio desejo.

Um outro conceito que entra em jogo na constituição subjetiva, que ainda não mencionamos, é aquilo que Lacan (2016) chama de falo, e que não é um órgão físico, mas um significante que representa a falta e a castração. Ele é o significante que organiza o campo do desejo e da diferença sexual. O falo é o significante que falta no Outro, o que gera o desejo do sujeito. A relação do sujeito com o falo é fundamental na constituição da sua identidade e na forma como ele se posiciona em relação ao desejo e à lei. Por esta via, podemos afirmar que a subjetividade, na perspectiva lacaniana, é um produto da linguagem. O sujeito é constituído em sua relação com o Outro, no campo da linguagem, e o inconsciente é estruturado como um discurso. O desejo surge da falta, da busca incessante por um significante ausente, e o falo como significante tem um papel central nessa dinâmica. A psicanálise busca levar o sujeito a uma maior compreensão de seu desejo através do trabalho com a linguagem e os significantes que estruturam seu inconsciente. Dito isso, vejamos como a angústia é teorizada por Lacan e como podem ser compreendidos os axiomas sobre esse afeto.

A DIMENSÃO DO OUTRO COMO PONTO DE REFERÊNCIA SOBRE A ANGÚSTIA

Se Lacan (2005) propõe o desejo do Outro como referência de seu discurso acerca da angústia, ele sugere também duas outras referências relacionadas a dimensão do Outro, a saber: a demanda do Outro e o gozo do Outro. O desejo do Outro está relacionado ao desejo do analista, a demanda do Outro está relacionada a falta e o gozo do Outro, em relação a angústia, está relacionado a um excesso não assimilável. Vejamos cada um desses pontos referenciais e como eles nos ajudam a compreender os axiomas sobre a angústia. Começemos pela demanda.

Lacan (2005) postula que é “sob o efeito da demanda que se produz o campo da falta” (p.72) e que “a existência da angústia está ligada a que toda demanda, mesmo a mais arcaica, tem sempre algo de enganoso em relação àquilo que preserva o lugar do desejo” (p.76), de modo que há sempre um certo vazio a preservar da demanda, pois é justamente “de sua saturação total que surge a perturbação em que se manifesta a angústia” (p. 76). Assim, ao afirmar que o campo da falta é efeito da demanda, Lacan (2005, p. 72) aborda como a demanda desempenha um papel fundamental na constituição da falta no sujeito. Segundo o autor, a demanda, neste contexto, não é simplesmente uma necessidade biológica ou um pedido concreto; mas, sim, um apelo ao Outro que estrutura o campo do desejo e da falta. Na tentativa de avançarmos o entendimento sobre tal proposição, elegemos alguns pontos chave sobre a relação da demanda com outros conceitos, tais como: a demanda e o Outro; a falta como efeito da demanda; a natureza enganosa da demanda e; a angústia como sinal da falta.

Segundo Lacan (2005), a demanda surge no contexto da relação com o Outro, que é o primeiro lugar onde o sujeito busca satisfação e reconhecimento. O sujeito se dirige ao Outro, buscando algo que ele acredita que o Outro possui, algo que pode completar a sua falta. Ocorre que a demanda nunca é totalmente satisfeita. O Outro não pode dar ao sujeito o que ele realmente deseja porque o objeto de desejo (o objeto *a*) está sempre perdido ou faltando. É essa insatisfação inerente à demanda que cria a experiência da falta no sujeito. Essa falta é estruturada em torno de um objeto perdido, um resto (o objeto *a*) que representa o que é irremediavelmente ausente na relação com o Outro. Este objeto *a* não é um objeto real, mas sim um objeto que causa o desejo, que direciona o sujeito a buscar satisfação onde ela não pode ser encontrada.

Portanto, a demanda, em si, é enganosa, pois ela mascara a verdadeira natureza do desejo. O que o sujeito realmente busca não é a satisfação da demanda, mas o reconhecimento do seu desejo. Essa busca por reconhecimento no Outro, no

entanto, inevitavelmente revela a falta porque o Outro não possui o que o sujeito busca. Logo, a angústia surge quando o sujeito se confronta com a falta, com a impossibilidade de satisfação, sendo desse modo um sinal de que o sujeito está diante do desejo do Outro e da sua própria falta.

Podemos ler nesse cenário a relação com a castração, que no contexto lacaniano, não se refere à perda do pênis, mas à perda de um objeto imaginário que poderia completar o sujeito. A castração simbólica é a introdução da lei do Outro que impede a satisfação completa e perpétua da demanda revelando a falta inerente ao desejo. Retomando a frase “é sob o efeito da demanda que se produz o campo da falta” significa que a falta não é uma condição pré-existente do sujeito, mas sim uma consequência da sua relação com o Outro através da demanda. O sujeito, ao tentar satisfazer suas demandas, se confronta com a impossibilidade de preencher o vazio, produzindo assim o campo da falta que impulsiona o seu desejo. É por meio destes apontamentos que Lacan (2005, p. 76) procura transmitir a ideia de que “se a demanda é estruturada pelo significante, não deve ser tomada ao pé da letra” na prática clínica. Podemos acrescentar que tomar a demanda ao pé da letra e dar-lhe uma resposta é colocar-se no lugar daquele que efetivamente detém o saber, logo é não permitir que o sujeito advenha como desejante. Daí a insistência lacaniana em não satisfazer a demanda dos analisantes para que eles possam ter acesso aos seus desejos, a sua verdade.

Como vemos, Lacan (2005) estabelece uma correlação intrincada entre o desejo do Outro, a angústia e o desejo do psicanalista, articulando-os como elementos importantes na dinâmica psíquica e na prática analítica. Para o autor, o desejo do Outro, grafado com letra maiúscula, não se refere ao desejo de um outro indivíduo específico, mas ao desejo do campo simbólico, da linguagem e da cultura que preexiste ao sujeito. É o desejo que emana do Outro que constitui o sujeito, que o aliena e o faz desejar. O sujeito se constitui a partir da sua relação com esse Outro, e seu desejo é uma resposta ao desejo do Outro. O desejo do sujeito, portanto, é o desejo de ser desejado pelo Outro.

Neste sentido, Lacan (2005) enfatiza que o desejo do Outro não é direcionado a nenhum objeto específico, mas está ligado ao ser mesmo do sujeito, colocando-o em questão. O desejo do Outro também se manifesta na demanda, que não se refere a uma necessidade biológica, como anteriormente dito, mas a um pedido de reconhecimento e amor. A angústia surge na relação do sujeito com o desejo do Outro. Ela é um sinal que indica que o sujeito está em contato com o desejo do Outro, e que esse desejo o afeta no mais íntimo de seu ser. A angústia não é uma resposta a um perigo real, mas um afeto que emerge quando o sujeito se confronta com a falta e a indeterminação do desejo do Outro. Ela também se manifesta como um sinal diante da possível aparição do objeto *a*, especialmente quando este se apresenta de forma demasiado presente, preenchendo de forma ilusória o vazio estrutural.

Assim, a angústia, sublinha Lacan (2005), é um afeto que se encontra no limite do eu, no ponto em que o sujeito se confronta com aquilo que é estranho, que não pode ser integrado ou compreendido. O autor aponta que a angústia surge como uma espécie de *feed-back* quando o sujeito se aproxima da sua própria satisfação. Por isso, o desejo do psicanalista é uma função essencial na prática analítica. Não se trata do desejo de um indivíduo particular, mas de uma posição específica que o analista deve ocupar na transferência. O desejo do psicanalista não é o desejo de curar o paciente, ou de satisfazer suas necessidades, mas sim o desejo de sustentar a falta, de manter aberto o campo do desejo do analisando. Trata-se de um desejo que não busca o gozo, mas a possibilidade de que o desejo do analisando possa se manifestar.

Neste sentido, o analista deve se abster de satisfazer as demandas do analisando, tal como já mencionamos anteriormente, evitando assim que o desejo se fixe em objetos ilusórios. O analista deve, ao contrário de responder a demanda, sustentar o desejo, de forma que o analisando possa encontrar seu próprio desejo. Não podemos esquecer que o desejo do psicanalista é uma função que não deve ser confundida com a contratransferência. Termo pouco utilizado por Lacan, mas que se refere aos afetos do analista em relação ao paciente e que podem interferir no tratamento. O psicanalista deve buscar a neutralidade, Freud já nos ensina isso, evitando projetar seus próprios conflitos no analisando. A posição do analista, relacionada ao desejo do psicanalista, é o que possibilita a emergência da função da falta, da função do corte.

A angústia surge na confrontação do sujeito com o desejo do Outro, e é um sinal de que o desejo está em jogo. O desejo do psicanalista, por sua vez, opera como um contraponto à angústia, permitindo que o sujeito possa confrontar seu próprio desejo e sua relação com o Outro. O analista, ao ocupar uma posição de não saber, de não satisfazer as demandas do analisando, sustenta a falta, o que possibilita que a angústia surja e que o desejo do analisando possa se manifestar de forma autêntica. Vemos assim que o desejo do psicanalista está relacionado à função do objeto *a*, que é a causa do desejo. O analista não se coloca no lugar do objeto *a*, mas sim como aquele que permite que esse objeto se manifeste na experiência analítica. Enfim, para Lacan (2005) a correlação entre o desejo do Outro, a angústia e o desejo do psicanalista é fundamental para a compreensão da dinâmica psíquica e para o funcionamento da análise, como já apontado. A angústia é o sinal da relação do sujeito com o desejo do Outro, enquanto o desejo do psicanalista é a bússola,, por assim dizer, que orienta o processo analítico.

Quanto ao gozo do Outro podemos adiantar que para Lacan (2005) “a angústia do pesadelo é experimentada como a do gozo do Outro” (p.73), em razão de que este gozo não é o prazer do sujeito, mas sim um conceito que se refere a um tipo de satisfação que é opaca e inatingível para o sujeito de linguagem. O sujeito

busca esse gozo através do desejo, mas esse desejo é sempre insatisfeito, pois ele é estruturado em torno da falta. A angústia surge quando o sujeito se aproxima demais desse gozo, quando ele se depara com a intensidade do desejo do Outro.

Para que nos localizemos nesse conceito complexo que é o gozo, vamos resumidamente mapeá-lo em Freud e em Lacan. Segundo Brausntein (2007), na vertente freudiana, inicialmente o gozo foi associado a um prazer extremo, júbilo ou êxtase. Posteriormente, foi introduzido ao conceito de libido, uma energia que inclui o gozo, naturalizando-o e quantificando-o metaforicamente. A clínica psicanalítica, então, passa a ser vista como a história das errâncias do gozo, suas fixações, regressões e transformações em sintomas. Entretanto, o gozo é também articulado com o complexo de castração, que culmina na teoria da sexualidade de Freud (1996), e sua proposição de que o sujeito deve renunciar ao gozo em troca da promessa de outro gozo, próprio dos sujeitos da Lei.

Lacan (1998) reformula o conceito de gozo, distanciando-se das noções convencionais de prazer ou alegria extrema, definindo-o como um conceito com valor diacrítico diferencial. Em sua reformulação conceitual, o psicanalista francês resgata o termo *jouissance* do direito hegeliano, onde o *Genuss* (gozo) é algo subjetivo, particular, impossível de compartilhar e oposto ao desejo. Assim, o gozo, para Lacan (1998), está sempre na ordem da tensão, do forçamento, do gasto, inclusive da proeza, manifestando-se até no nível da dor. E, o significante situa-se no nível da substância gozante, ou seja, do corpo que sente, sendo a causa do gozo e, simultaneamente, o que o detém.

Lacan (1998) propõe três categorias de gozo: o gozo do Outro, o gozo fálico e o gozo do ser. O gozo do ser é aquele não regulado pelo significante e pela castração, fora da linguagem, enquanto o gozo fálico é uma regulação do gozo original pela castração simbólica. O gozo do Outro, que é a dimensão do Outro que nos interessa em função da angústia, é caracterizado por Lacan (1998) como feminino, inefável e além do falo. Ele não é perdido pela castração, emerge além dela como um efeito da passagem pela linguagem, mas permanece fora dela. É um gozo louco e enigmático, que escapa à unificação promovida pelo significante fálico. Este gozo, Lacan (1998) o inscreve na região da interseção entre o Real e o Imaginário, sem mediação simbólica, portanto, ele é corporal e alheio à função fálica da palavra. É importante mencionar que Lacan (2008) utiliza o termo Outro de maneira polivalente, o que torna a expressão gozo do Outro particularmente complexa. Em determinado sentido, o gozo do Outro refere-se ao gozo atribuído a um Outro devastador devido à ausência da inscrição do nome-do-Pai, reaparecendo no Real. No entanto, é importante notar que não é o Outro que goza, mas sim o Um que atribui um gozo ao Outro, tomando-o como seu objeto.

Retomando a relação da angústia do pesadelo com o gozo do Outro, podemos dizer que o sujeito se desvanece diante desse gozo que se manifesta de diversas formas: como as mandíbulas abertas de um monstro voraz no pesadelo, como as formas de um destino devastador e inescrutável, ou como o ruído sinistro de um grito que envolve o sujeito. A angústia emerge como uma resposta à confrontação com o gozo do Outro, marcando a passagem entre a abolição do sujeito no gozo absoluto e a emergência do sujeito desejante. A análise, então, visa a levar o sujeito a atravessar essa angústia, rumo a uma relação mais articulada com seu próprio desejo. A experiência analítica, sob a perspectiva lacaniana, visa a reinserir a dimensão do Real do gozo que o discurso exclui, buscando esvaziar o sentido para revelar que “a relação sexual não existe”.

Observamos que a relação da angústia com o gozo do Outro, no seminário em pauta, é complexa e fundamental para entender a dinâmica do sujeito desejante. A angústia surge, em parte, como resultado da confrontação do sujeito com o gozo do Outro, com a dimensão de um gozo que está para além do que o sujeito pode simbolizar ou dominar. O gozo do Outro refere-se a uma forma de satisfação que está para além do princípio do prazer, que é excessiva e transgressora. Não é um prazer domesticado pelas leis do Simbólico, mas algo que irrompe de forma perturbadora e ameaçadora. Este gozo está associado a um excesso que o sujeito não consegue assimilar, e que é percebido como uma invasão ou ameaça. A angústia surge como um sinal da proximidade desse gozo do Outro. Não é o gozo em si que provoca a angústia, mas a ameaça da sua irrupção, a possibilidade de o sujeito ser engolido por essa dimensão excessiva. A angústia sinaliza que o sujeito está se aproximando de algo que é da ordem do Real, do traumático, ou seja, que está fora da ordem simbólica.

A ESTRUTURA DA ANGÚSTIA É A MESMA DA FANTASIA

Na introdução do seminário 10, ao mencionar a estrutura da fantasia, Lacan (2005) faz o seguinte anúncio: “Vocês verão que a estrutura da angústia não está longe dela, em razão de ser exatamente a mesma”. (p. 12). O que Lacan diz claramente nesta sentença é que a estrutura da angústia é exatamente a mesma estrutura da fantasia. Neste sentido, faz-se necessário apresentar a caracterização lacaniana a respeito da fantasia para compreender sua estrutura e, por consequência, entender a estrutura da angústia. Vejamos, então.

No seminário 6: o desejo e sua interpretação, Lacan (2016) apresenta a estrutura da fantasia como um conceito central para o entendimento do desejo e da subjetividade. Portanto, compreender a fantasia apenas como um cenário imaginário, não condiz com o discurso do autor que a conceitua como um suporte essencial para o desejo, onde o sujeito se posiciona em relação ao seu desejo e ao

desejo do Outro. Por este viés, a fantasia tem a função de acomodar e fixar o desejo do sujeito, não, é claro, a um objeto específico, mas a um cenário particular. Em outras palavras, a fantasia serve como um “nível de acomodação” para o desejo humano que não é fixado a um objeto, mas a uma fantasia. Ora, a fantasia, tal como postula a psicanálise, é articulada em termos da referência do sujeito como falante ao Outro imaginário. Esse Outro pode ser visto como um olhar, que observa e com quem o sujeito estabelece relações imaginárias de prestígio, submissão e derrota.

A fantasia é o lugar onde o sujeito suspende sua relação com o ser e tenta se situar em relação ao seu desejo, muitas vezes de forma enigmática. É importante destacar que a fantasia é simbolizada por Lacan (2016) como $\$ \diamond a$, onde $\$$ representa o sujeito como falante, isto é, aquele que está inserido na linguagem e, portanto, no campo do Outro e a letra a representa o objeto causa do desejo, que não é um objeto do desejo, mas um suporte para o desejo. Mas, e a angústia?

Nossa proposta aqui é caracterizar a fantasia e analisar os elementos de sua argumentação: o desejo do Outro; o objeto a e a falta; a metáfora da janela; a função de sinal e ; a relação como o Real. Analisar esses elementos em suas articulações podem, supomos, nos levar a uma compreensão da estrutura do afeto angústia.

Ao acompanharmos as ideias lacanianas desde seus seminários anteriores podemos constatar que tanto a angústia quanto a fantasia estão profundamente ligadas ao desejo do Outro. Na fantasia, o sujeito busca se posicionar como objeto do desejo do Outro, contudo se depara com a angústia de não saber que objeto ele é para o Outro. Esse Outro é central na constituição subjetiva, e a angústia surge na falta de apoio simbólico proveniente desse Outro.

ANGÚSTIA: AFETO QUE NÃO ENGANA

Lacan (2005) nos capítulos V e VII de seu seminário 10, explora a angústia como um afeto que não engana, contrastando-a com outros estados emocionais e intelectuais. A angústia, para Lacan, possui uma relação intrínseca com a certeza e o Real, distinguindo-se da dúvida e do engano. Estas proposições permitem a ele formular o aforismo “a angústia é o afeto que não engana”, ao contrário, ela se assemelha a uma certeza assustadora. Se a dúvida e a hesitação são concebidos como mecanismos para combater a angústia através de ciladas, a angústia em si revela uma verdade fundamental sobre a relação do sujeito com o Real porque este afeto, na concepção lacaniana, está ligada à abertura da função de causa.

Neste sentido, a função da causalidade se mantém justamente por estar em um lugar diferente daquele em que se refuta. Como já dito, a angústia é enquadrada, ou seja, possui limite, mas esse enquadramento não a reduz à mera expectativa ou preparação para o que está por vir, e, sim, demarca o espaço onde o inesperado e o

presentimento podem emergir. A angústia se manifesta como um corte que revela o inesperado. Esse corte é essencial para a presença e o funcionamento do significante no Real. A angústia, portanto, não é desprovida de objeto. A ação retira sua certeza da angústia. Lacan (2005) sugere que a angústia pode ser a origem da certeza na ação humana. E, mais! A angústia não é dúvida, é a causa da dúvida que, com seus esforços, serve para combater a angústia através de enganos. O que se evita é o que, na angústia, se assemelha à certeza assustadora. Por esta razão, a angústia não deve ser reduzida à expectativa ou à preparação para um evento. Embora a expectativa possa servir para enquadrar a angústia, ela não é indispensável para sua ocorrência. Lacan (2005) adverte contra a confusão entre a angústia e manifestações clinicamente perceptíveis, como, por exemplo, a hesitação do obsessivo. A angústia não é o mesmo que a dúvida ou o jogo ambivalente, mas sim a causa subjacente a eles. Contrariamente à ideia de que a angústia é sem objeto, Lacan afirma que ela não é sem objeto.

A METÁFORA DO QUADRO: ANGÚSTIA, FANTASIA E REAL

Ao apontar a existência de uma estrutura da angústia, Lacan (2005, p. 85) faz a seguinte afirmação: “(...) a angústia é enquadrada”. E para explicar essa sua tese, ele utiliza a metáfora “(...) de um quadro que acaba de ser colocado no caixilho de uma janela”, alertando que não se trata de ver o que está no quadro, mas “de não ver o que se vê pela janela” (p.85). Como argumento de sua tese, apresenta o sonho do Homem dos lobos, caso clínico relatado por Freud, indicando como nesse evento onírico apresenta-se a fantasia pura, desvelada em sua estrutura, isto é, trata-se da relação da fantasia com o Real. O que vemos nesse sonho? Lacan (2005) diz que vemos o escancarar repentino de uma janela que mostra através de um vidro a fantasia. Em suas palavras, “A fantasia é vista além de um vidro, e por sua janela que se abre. A fantasia é enquadrada”. (p. 85). Lembramos que no início deste seminário, na primeira aula, Lacan (2005, p. 12) ao falar da fantasia diz: “Vocês verão que a estrutura da angústia não está longe dela, em razão de ser exatamente a mesma”. Ora, é precisamente o que ele retoma aqui. A estrutura da angústia é o enquadramento, tal como como um espelho que possui limites. O dispositivo do espelho lacaniano permite ver um ponto, situado no espaço que não é diretamente perceptível, mas não necessariamente o próprio sujeito. A angústia é enquadrada, o que significa que ela tem limites que são negligenciados nas observações e, como um afeto fundamental revela uma certeza perturbadora sobre a relação do sujeito com o Real. Diferentemente de outros estados emocionais ou intelectuais, a angústia não engana, pois ela está intrinsecamente ligada àquilo que é inevitável e certo na experiência humana.

A metáfora do quadro e da janela aludida por Lacan (2005) nos ajuda a compreender a dinâmica complexa entre a angústia, a fantasia e o Real. Servindo-se dela, o psicanalista procura ilustrar a tentativa do sujeito de lidar com a falta e a castração através da fantasia, mas também revela a fragilidade dessa construção diante da irrupção do Real. A angústia, nesse contexto, funciona como um sinal que aponta para os limites da fantasia e a necessidade de se confrontar com a falta constitutiva do ser. É por isso que o sujeito se defende da angústia através da experiência imaginária com o outro, através da construção de uma diferença em relação à experiência especular com o outro. O objeto *a*, como resto irreduzível na relação com o Outro, está no centro da angústia e da fantasia. A angústia sinaliza a falta de apoio diante da falta do objeto *a*. A fantasia, por sua vez, é estruturada como uma tentativa de preencher essa falta através do desejo.

Provavelmente, para ser mais didático, Lacan (2005) utiliza a metáfora do quadro e da janela para ilustrar a estrutura da angústia e da fantasia. Ele explica que assim como a janela enquadra a visão, limitando-a, a angústia e a fantasia também são enquadradas, delimitadas. A angústia é um sinal de borda no campo imaginário do eu, enquanto a fantasia opera dentro dos limites da moldura simbólica. A angústia funciona como um sinal que aponta para o objeto *a* e para a falta. Esse sinal não tem uma causa específica, contudo está ligado a um perigo em relação ao objeto *a*. A fantasia, por outro lado, pode ser vista como uma tentativa de lidar com esse sinal de angústia, buscando preencher a falta. A angústia é a única apreensão real da falta, enquanto a fantasia é uma tentativa de encobrir essa falta. Através da angústia, o sujeito se depara com o Real da castração, ou seja, com a impossibilidade de completude e a falta constitutiva do ser. A fantasia, por sua vez, busca criar um cenário ilusório para lidar com essa falta, buscando o objeto *a* no Outro. Conforme anuncia Lacan (2005) a angústia e a fantasia compartilham a mesma estrutura porque ambas se originam da relação do sujeito com o desejo do Outro e com a falta do objeto *a*. A angústia sinaliza essa falta de maneira real, enquanto a fantasia a encobre através de construções imaginárias, mas ambas operam dentro de um quadro, delimitadas pela falta e pelo desejo do Outro.

Podemos dizer que a metáfora do quadro e da janela, utilizada por Lacan (2005) ilustra de forma interessante a estrutura da angústia e sua relação com a fantasia. A janela, representando a abertura para o mundo exterior, simboliza a dimensão do Real, enquanto o quadro, com suas bordas definidas, representa o campo da fantasia, um espaço delimitado e enquadrado. Através da janela, o sujeito tem acesso a uma visão parcial do Real, um vislumbre do que está além de seus limites. Essa visão, no entanto, é sempre limitada pela moldura da janela, assim como a apreensão do Real é sempre mediada pela estrutura simbólica. No sonho do Homem dos Lobos, analisado por Freud, a janela que se abre repentinamente revelando a fantasia, mas o faz dentro de um quadro, ou seja, é enquadrada pela

estrutura da janela. O quadro, por sua vez, representa a fantasia, isto é, uma construção imaginária que busca preencher a falta e lidar com a angústia. A fantasia opera dentro dos limites do quadro, criando um cenário ilusório que encobre a falta e o Real da castração. Assim como o quadro em uma janela impede a visão completa do exterior, a fantasia limita a apreensão do Real, buscando uma satisfação substituída no campo imaginário.

A angústia, nessa metáfora, se manifesta na borda, no limite entre o quadro e a janela. É nesse ponto de contato com o Real, onde a fantasia se depara com seus limites, que a angústia surge. A angústia é um sinal de que a fantasia não consegue mais encobrir completamente a falta, um sinal da falha na tentativa de dominar o Real. A metáfora do quadro e da janela ilustra, portanto, a angústia como um fenômeno de borda no campo Imaginário do eu. Esse afeto surge no limite entre o eu e o Outro, no ponto em que a imagem especular se depara com sua incompletude e com a falta do objeto *a*. O quadro, representando a fantasia, busca conter e delimitar a angústia, mas a borda, o ponto de contato com o Real, permanece como um ponto de fragilidade e de possível irrupção da angústia. A angústia, nesse contexto, funciona como um sinal que aponta para os limites da fantasia e a necessidade de se confrontar com a falta constitutiva do ser.

AINDA SOBRE O ENQUADRAMENTO DA ANGÚSTIA

Para Lacan (2005) a angústia surge dentro de um determinado contexto, de uma espécie de quadro ou estrutura, e não como um sentimento difuso ou sem causa, como acabamos de ver. Este enquadramento é crucial para entender a natureza e a função da angústia, uma vez que para o psicanalista francês a angústia não é um afeto que surge do nada; ela emerge em relação a algo que já está presente, mas que se revela de forma inesperada. Esse algo é o que Lacan chama de *heimlich*, que pode ser traduzido por aquilo que é familiar, íntimo e caseiro, mas que se torna *unheimlich*, ou seja, estranho e perturbador, dentro de um determinado enquadramento. Em outras palavras, o *unheimlich* refere-se a essa experiência de familiaridade que se torna perturbadora, pois o que era íntimo e familiar se revela como estranho e inquietante, e isso é o que desencadeia a angústia.

Este momento de revelação ocorre num quadro, um enquadramento específico, mas o enquadramento da angústia também está relacionado com a oposição entre a cena e o mundo. A cena, seja ela um palco de teatro ou um evento psíquico, cria um espaço onde a angústia pode surgir. Ela surge, por exemplo, na entrada da cena, no momento em que o véu se levanta. É nesse enquadramento que o que está fora da cena (o mundo) se revela. Dentro desse enquadramento, a angústia está ligada a algo que não pode ser expressado em palavras, pois a angústia é o que não se pode dizer. É, portanto, um momento de suspensão da linguagem, onde o

sujeito se confronta com o Real. É esta impossibilidade de significar que se manifesta como angústia. Vemos então que a angústia está relacionada com o objeto *a*, que é um objeto perdido, um resto que é impossível de simbolizar ou de trazer para o campo do Simbólico. Logo, a angústia surge quando o sujeito se confronta com o Real desse objeto, com a impossibilidade de preencher a falta que ele representa. Assim, o objeto *a* se revela dentro do enquadramento da angústia.

Podemos dizer que a angústia de castração é um dos momentos cruciais em que este enquadramento se torna evidente. A castração, no sentido lacaniano, entendida como a falta que se revela na relação com o Outro gera a angústia de castração quando o sujeito se confronta com essa falta, com a impossibilidade de obter o objeto que lhe falta. Mas, como explicar o axioma lacaniano “a angústia não é sem objeto”? Mais uma vez vamos seguir os passos de Lacan para obter uma resposta de seu ensino.

Se a angústia não é um sem objeto, então ela tem um objeto? Ela tem um objeto, que é o objeto *a*, mas este objeto não é apreensível da mesma forma que os objetos do mundo. A angústia é um sinal de que o sujeito está diante desse objeto real e da sua própria falta. O objeto da angústia é, portanto, o *unheimlich* que surge no enquadramento do *heim* conforme mencionamos acima nesse tópico. Podemos ainda dizer que a angústia não é um afeto difuso ou sem causa, mas que ela surge dentro de uma estrutura ou enquadramento específico, onde o familiar se torna estranho (o *unheimlich*) e onde o sujeito se confronta com a falta e com o desejo do Outro, sendo um sinal de que algo do Real se revela no campo da subjetividade dentro deste enquadramento.

PALAVRAS FINAIS

Com este o artigo procuramos demonstrar que os aforismos lacanianos sobre a angústia, como “a estrutura da angústia é enquadrada,” “a angústia é o afeto que não engana,” “a angústia não é sem objeto,” e “a angústia surge quando a falta falta”, oferecem um arcabouço teórico essencial para a prática psicanalítica. A compreensão desses aforismos permite ao analista situar a angústia como um afeto central na constituição do sujeito, intimamente ligada à linguagem, ao Outro e à falta. Podemos conjecturar que a compreensão desses aforismos para a prática psicanalítica reside em: orientar o manejo clínico, na medida em que os aforismos ajudam o analista a não reduzir a angústia a um mero sintoma a ser eliminado, mas a reconhecê-la como um sinal crucial que pode conduzir o sujeito a explorar sua experiência e seu desejo; sublinhar a relação com o Outro, uma vez que a angústia surge na relação do sujeito com o desejo do Outro, e o analista, através de seu próprio desejo, sustenta a falta e possibilita que o analisando encontre seu próprio desejo; também destacar que a angústia está amarrada ao objeto *a*, o que a distingue

de outros afetos e a torna um afeto que não engana. O analista, ao ocupar uma posição de não saber, permite que esse objeto se manifeste na experiência analítica e; ainda a partir da metáfora do quadro e da janela ilustrar como a angústia é enquadrada, delimitada, e como a fantasia opera dentro dos limites dessa moldura simbólica, indicando que a angústia surge na borda, no limite entre o quadro e a janela, sinalizando a falta e a castração.

É certo que muitas questões ainda permanecem em aberto em relação ao afeto angústia e merecem futuramente serem aprofundados. Entre estas formulamos as seguintes: como os aforismos lacanianos sobre a angústia podem ser aplicados na compreensão e no tratamento das psicoses, considerando as particularidades da relação do psicótico com a linguagem, o Outro e o objeto *a*? De que forma a angústia pode ser utilizada como bússola na condução da análise, orientando as intervenções do analista e as escolhas do analisando em direção a um maior entendimento de seu desejo? De que maneira o discurso capitalista contemporâneo, com sua ênfase no desempenho, na imagem e no consumo, modula a experiência da angústia, e como os aforismos lacanianos sobre a angústia podem auxiliar na compreensão e no manejo clínico dessa angústia específica? Esta última questão será analisada em nossa próxima pesquisa, já em andamento.

REFERÊNCIAS

BRAUNSTEIN, Néstor. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

HARARI, R. *O Seminário "a angústia" de Lacan*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1997.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. pp.807-842.

LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. *O seminário, livro 06: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SOLER, C. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário a angústia de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 2012.

SOLER, C. *Declinações da angústia: curso 2000-2001*. São Paulo: Escuta, 2012.